

Editorial

Algazarra 2ª Edição

Talvez nenhum ambiente de cultura/natureza seja tão propício às análises de objetos barroco-mestiços como as cidades. Estas, na América Latina, são vistas aqui, desde as primeiras províncias até à atualidade, como lugares de proliferação e multidiferenciação relacional (as inúmeras contribuições afro-ameríndio-arábigo-imigrantes-etc convivem, em diálogo, conflito ou turbulência, com as mais hodiernas), no corpo, nas imagens e nas coisas. O mundo das coisas na urbe tem vida e inteligência próprias, que não se entende só a partir da posição ideológica dos sujeitos dentro dos dispositivos de poder: família, escola, grupos, ongs, partidos, igrejas etc; não se entende também apenas pelos recentes desdobramentos mediático-telemáticos: a ideia de uma rede colaboracional estava instaurada desde as primeiras bandas musicais e fachadas barrocas. Desse modo, todos esses outros abandonados se situam em camadas ocultas e concretas que podem ser reincorporadas e trazidas à tona. Lugares semoventes que não se deixam explicar por conceitos clássicos: o clássico, tendo sido também tradutoriamente comido e digerido, já faz parte do grande arabesco periférico. Não se deixam também explicar pelas tradicionais teorias do signo: se os textos não são autônomos, visto que assumem uma forma fractal de trepadeira, xaxim ou caramanchão, não vigora a famosa separabilidade moderna (Latour) entre signos e referentes, ficção e realidade, porém, também aí, atua uma tênis tradução intercomplementar em ziguezague entre signos e coisas. Não se trata de uma civilização comandada logicamente pela alternativa de exclusão **ou**, mas pelos advérbios de inclusão **ainda e também**.

Este número 2 da Revista Algazarra, do Grupo de Pesquisa “Comunicação e Cultura: Barroco e Mestiçagem”, do Programa de Comunicação e Semiótica da PUCSP, pode ser dividido em três partes. Na primeira, quatro artigos ressaltam a interação entre as séries musicais e as urbanas: Dirceu Martins Alves discorre sobre a ambientação poético-cultural e mediática do *blues* no Brasil; Jurema Mascarenhas Paes aborda, em Luiz Gonzaga, a mestiçagem geradora de um “entre-lugar campo e cidade”; Cibele Simões

Ferreira Kerr Jorge desdobra a conjunção entre áreas e estilos nos textos de Raul Seixas; Vagner Rodrigues expõe o tango como irrupção de formas mestiças nos espaços urbanos. Na segunda parte, dois textos acentuam os nexos entre performance corporal e cotidiano das cidades: Marcela Belchior desenvolve a complexidade das intervenções performáticas no transporte público de Fortaleza; Lisani Albertini de Souza alinha as condições mestiço-eróticas do corpo da mulher brasileira. Na terceira parte, Mila Goudet e Raquel Rennó mostram o movimento barroquizante dos espaços e objetos urbanos: Mila aponta para junções entre o primitivo e o atual que desprezam as pretensas soluções duais; Raquel introduz o método das gambiarras como conhecimento a partir dos desperdícios.

Amálio Pinheiro
março de 2014